



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

Bôa vizinhança



O do rez do chão, para o 1.º andar:

—O' vizinha: se quer que nos demos bem, não faça para cá barulho, que eu tambem o não faço para lá...

PALESTRA AMENA

A vizinha

Não sabemos se os senhores repararam bem n'aquela luminosa pagina do *Seculo Comico* representando um predio de tres pavimentos, habitados respectivamente por um portuguez, uma hespanhola e uma franceza. Melhor seria que o caricaturista tivesse feito o predio d'um unico pavimento, sem divisorias, porque a verdade é que os tres visinhos não estão em posição de superioridade ou de inferioridade uns para com os outros; mas, emfim, a caricatura tem certas liberdades, de modo que na dita pagina se deve apenas ver visinhança e não posição de relações.

O caso é este: a hespanhola não ha duvida de que é insinuante, que deseja a boa amizade do visinho portuguez; tiveram em tempos desaguizados, chegaram até a estar a ferro e fogo, mas desde que se congraçaram não ha motivo de maior para desconfiar da sinceridade da *chica*. A's vezes, como a referida pagina indica, ela faz em sua casa certo barulho que não deixa de incomodar a visinhança; mas, como é em sua casa, não vemos que haja razão de queixa — e o peor não é isso.

O peor é que á mencionada *chica* deu agora para querer ir mais longe, isto é, para tentar exceder a atitude que conservava, de simples simpatia para com o visinho. Como vai para velha, deu-lhe para a ternura, para o amor, que é sempre temível quando se aproxima a senilidade, e ela aí entra a apoquentar o portuguez atirando-lhe beijos, fazendo-lhe tagatês de longe, provocando-o á maxima intimidade. Não com maus fins, decerto, não para uma mancebia tanto mais escandalosa quanto a respeitabilidade dos dois já se converteu em madureza, mas talvez para um consorcio legal, com todos os sacramentos, procurando-se uma transigencia difficil, porque um não aprova o casamento religioso e outro odeia o «pelo civil».

Ora a tal menina tem de cair em si e de ver que o visinho já está em idade de ter juizo e de não aturar mulheres, sobretudo se teem o feitiço buliçoso; o nosso homem é um soiteirão impenitente, acha-se muito bem na situação de não dar a ninguem satisfação da sua vida e tem-se sabido governar sem ajudas. Sabemos de boa fonte que deseja conservar-se n'esse estado e que, embora naturalmente delicado com senhoras, não se importará de cometer uma indelicadeza se a teimosia o levar até esse extremo.

Relações de cortezia, tel-as-ha sempre com a visinhança; trocará com ela os pequenos favores que entre visinhos se fazem; irá de visita lá a casa e receberá a vizinha com a maior cortezia e amabilidade. Quanto a casar—tira lá o cavallo da chuva, ó Chica!

J. Neutral.

Fita reveladora

O progresso é o diabo. Imagine-se: em Paris certo cidadão foi á noite ao animatografo e que ha de vêr no alvo? A atravessar a multidão que assistia á entrada d'um principe, um automovel onde se encontrava a esposa do dito cidadão, em companhia d'um amigo d'este, ao qual se encostava familiar e escandalosamente.

Até aqui a imoralidade campeava apenas entre os espectadores e espectadoras, quando a sala escurecia; agora já chega á parede do fundo!

O marido requereu o divorcio e no requerimento afirma que viu a esposa «em flagrante». N'isto é que, salvo melhor opinião, deve ter havido engano. O descaramento dos animatografos não vai tão longe, por emquanto.

Eden em Algés

N'um dos ultimos domingos o nosso higienico amigo sr. Amilcar de Sousa foi até a Algés de visita ao seu amigo José Pita e ali passou a tarde, na horta do dito amigo, anexa á vila «Virgínia».

E lá fez o seguinte, como narra (empregamos as suas proprias palavras) no jornal onde colabora:

- 1.º—Tomou banho de sol e luz.
- 2.º—Absorveu pela pele os raios do astro soberano, para estimular e nutrir os tecidos, purificar o sangue e ativar a circulação.
- 3.º—Assim estive durante muitas horas, sobre o chão que escaldava e era regado (cabeça coberta).
- 4.º—Viu que o parque era belo. Tem um tanque forrado de ladrilhos



vidrados e cheio de agua cristalina, que canta d'uma bica, com um chuveiro que deita agua de entre as trepadeiras.

5.º—Entre o ar, a luz, a agua, a fricção e o movimento, passou até que chegou a hora da refeição.

6.º—Comeu magnifica salada que veio da horta edenica, figos e damascos de Extremoz.

7.º—Quando o sol o deixou, voltou á civilização do vestuario.

E termina:

«Assim é que se deviam passar os domingos... e a raça seria outra».

Ora como o nosso maior desejo é mudar de raça lá vamos passar o proximo domingo a casa do sr. José Pita... e o mesmo aconselhamos os leitores a que façam.

Que diabo! uma salada edenica não se nega a ninguem!

Confirmação

Confirma-se (até o proximo desmentido) a noticia de estar em vespervas de casamento o sr. D. Afonso, ex-atrope-lador-mór d'este ex-reino, e sobre o caso até os jornais sérios fazem chuchadeira. A qual chuchadeira consiste em revelar algumas particularidades intimas de sua ex-alteza, como a de não usar suspensorios, trazendo por isso as calças divorciadas do colete, n'uma deselegancia impropria d'um ex-infante.

Ora o que nós desejaríamos saber é



como diabo chegou ao conhecimento dos jornalistas que o dito senhor não usa suspensorios, visto que o desbarri-gamento pôde muito bem ter outra qualquer causa.

E' bem certo que não ha ninguem mais bisbilhoteiro do que um reporter: querem vêr que algum espreitou sua ex-alteza pelo buraco da fechadura em ocasião em que ele, em gabinete escuro, etc., etc?

A's avessas

A Juventude Catolica de Lisboa comemorou um dia d'estes o seu 8.º aniversario com...

Damos-lhes um pão dos finos se adinvinharem com que foi feita a comemoração. Com uma missa? com um *Te-Deum*? Nada d'isso: com um banquete. Nem ao menos uma simples e frugal refeição, digna de estomagos penitentes: um banquete, uma empanurradela, uma farta manifestação de gula, com carnes pecantes e champagne á ufa.

E ao champagne não se envergonharam de fazer saudes a sua santidade, ao sr. patriarca e a outras figuras da Igreja, como se estas pudessem deixar de condenar festim de tal modo pagão!



E o melhor não é isto: é que nem ao começo nem no fim da pandega se lembraram os convivas de resar, de erguer a Deus a oração do ritual!

Anda tudo do avesso. Qualquer dia o Centro Democratico festeja o seu aniversario com uma procissão em honra do Santissimo Sacramento.

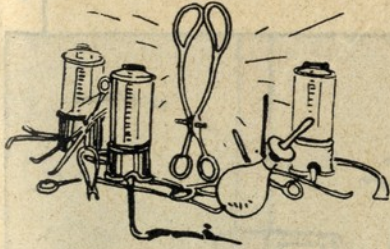
Exito antecipado

Havendo o pessoal dos hospitais resolvido levar á cêna uma revista teatral intitulada *Papas de linhaça*, alguns jornais começaram já a sovar autores e atores, não dizendo por quê, mas provavelmente porque a referida revista é destinada a criticar episodios que se passam nos hospitais, seu pessoal, etc.

Sabemos tanto o que é a revista como os individuos que a censuram—isê, não sabemos nada. Mas o que nos admira é esta compaixão, quando todas as revistas que aparecem nos palcos—com uma honrosissima excêção, quanto a autores—não fazem outra coisa senão dizer mal: mal dos politicos, mal dos maridos, mal da policia, mal das senhoras, mal da industria, do commercio e da agricultura, mal dos funcionarios publicos—e até as revistas particulares, de estudantes, tomam por tema, geralmente, o ridiculo visando o ensino e os lentes.

E de aí é muito possivel que esta censura prévia seja precisamente pelo motivo contrario ao que imaginamos. Talvez que o titulo *Papas de linhaça*, parecesse aos criticos indicio de que a peça é demasiado emoliente e assim a julgam semsaborona.

Pois então reformem os autores a sua obra, intitulem-na *Sinapismos*



Causticos ou coisa assim e lancem a noticia a vêr se os censores se calam.

No caso de quererem fazer a alteração apontada, aí vai um projeto para os titulos dos quadros, dos quais facilmente se depreende a essencia:

1.º ATO

- 1.º—*Bailado de operados.*
 - 2.º—*A algalia em ação.*
 - 3.º—*O fado da tuberculose.*
 - 4.º—*Injeções hipodermicas.*
- Apotheose: *Rebenta a bexiga!*

2.º ATO

- 5.º—*Atribulações d'um dente furado.*
 - 6.º—*Cultura microbiana.*
 - 7.º—*Doutores e enfermeiros.*
 - 8.º—*Nove mezes depois.*
- Apotheose: *Gloria ao forceps!*

Anedota

Entre marido e mulher:

—Já te não posso aturar. Vae para o diabo.

— Como tu és ingrato! E eu, eu que todos os dias peço a Deus e a todos os santos que te levem para o ceu!

EM FOCO



Augusto Ricardo

Poeta que diz mal do mulhero
E' de estranhar n'este paiz amante.
E' sincero? Será comediante?
Impera acaso n'ele o desvario?

Sendo tão novo, sim porque é tão frio,
Porque o não move o riso insinuante.
O olhar d'uma mulher, que n'um instante
E' costume alegrar o mais sombrio?

Se eu procurar com zelo e com cuidado
E' provavel que encontre o santo e a senha
D'um proceder tão raro e confiado.

Ora vamos, confesse-se e convenha
Que o caso vem a ser o do ditado
*Quem quer comprar é sempre quem desde-
nha...

Belmiro.

O caixeiro reclamista

E' raro qualquer casa de negocio possuir um empregado que saiba reclamar a casa devidamente. O Alturas, perfumista, já tinha anunciado umas poucas de vezes que necessitava de um caixeiro viajante para espalhar pelo mundo a fama do seu belo artigo *Pasta ultra-morfinica*, que tornava brancos de neve os dentes mais negros, mas ainda lhe não tinha aparecido pessoa insinuante e persuasiva de geito.

Anunciou mais uma vez, aborrecidissimo e resolvido a descompôr todo aquele que lhe não provasse palpadamente os seus meritos como reclamista.

Vinte e tres pessoas apareceram, em vista do anuncio, mas nenhuma oferecia as menores garantias. A' vigesima quarta, um rapaz anafado, que disse chamar-se Pacovio, foi recebida com difficuldade. Apresentou-se ao Alturas de olhos no chão, de modos acanhados, de modo que o Alturas, no fim de dois minutos de conversa apontou-lhe para a porta, apôpnetico, declarando: —Ponha-se já fóra, uo desanco-o!

Não tenho palavras suficientes para lhe mostrar a minha indignação...

O Pacovio, pachorrento:

—Como? não tem palavras suficientes?

Tirando da algibeira uns poucos de volumes enormes:

—N'esse caso recomendo-lhe este dicionario do sr. Candido de Figueiredo, da casa editora Almeida & C.^a, de onde sou caixeiro...

—Você está a troçar comigo, seu maroto! Rual rual! Até já estou rouco de tanto berrar com as pessoas que me tem aparecido!

—Rouco? disse o Pacovio, com paz de espirito. Percebo. Aqui tem v. ex.^a (puxando por uma caixinha) as celebres pastilhas da farmacia Barral, contra a rouquidão. Posso afirmar a v. ex.^a que não encontra melhor. Sou representante d'aquella casa ha dez anos...

O Alturas agarrando n'uma bengala e partindo-a nas costas do Pacovio:

—Tome, para não ser insolente! Agora creio que se porá ao fresco; percebe?

—Percebo, respondeu o Pacovio, que essa bengala não prestava para nada. Bengalas solidas são as da casa Otero & Irmãos, da rua do Almada, onde sou empregado. E' lá que deve comprar.

O Alturas, caindo no chão, rebolando os olhos:

—Infame! O seu procedimento provocou-me uma congestão! Vou morrer!

—Não faz mal, observou o nosso homem com toda a placidez: para enterros baratos e bem servidos não ha nada como a agencia Mata, funebre familiar, da rua do Norte, da qual sou humilde representante.

Escapou o Alturas e ao que nos consta—pela informação de quem imitou esta anedota d'um jornal francez—aceitou o Pacovio como reclamista e não teve de que se arrepender, porque atualmente até as pessoas completamente desdentadas usam a *Pasta ultra morfinica!*

Concerto barato

Uma das calamidades de maior vulto de que estamos sofrendo é a paralisia do relógio do palacio das Necessidades. Comissões sobre comissões teem solicitado o respétivo concerto aos ministros, estes empurram uns para os outros—o das Finanças manda as comissões para o dos Negocios Estrangeiros, porque no palacio está instalado este ministerio; o dos Estrangeiros manda para o do Trabalho, porque se trata de uma obra industrial; o do Trabalho para o da Justiça, porque é justo que os habitantes de Alcantara saibam ás quantas andam, etc.,—e o caso é que o relógio continúa na sua imperturbavel immobilidade.

Afinal de contas o concerto, no dizer d'um jornal, importa «apenas em 170 escudos».

Apenas, hein? Quando o nosso vai a concertar levam-nos um escudo e ficamos arruinados para uma semana!

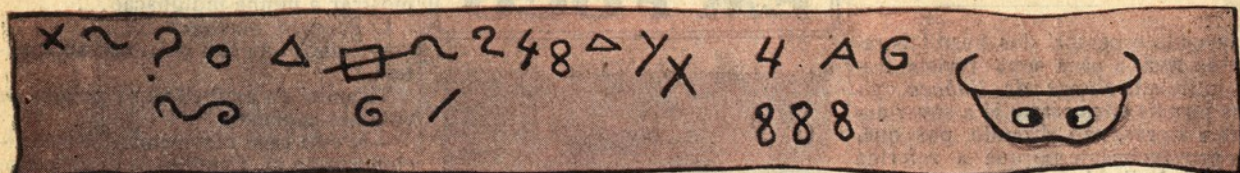
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

3.ª PARTE

A DROGA

2.º EPISODIO

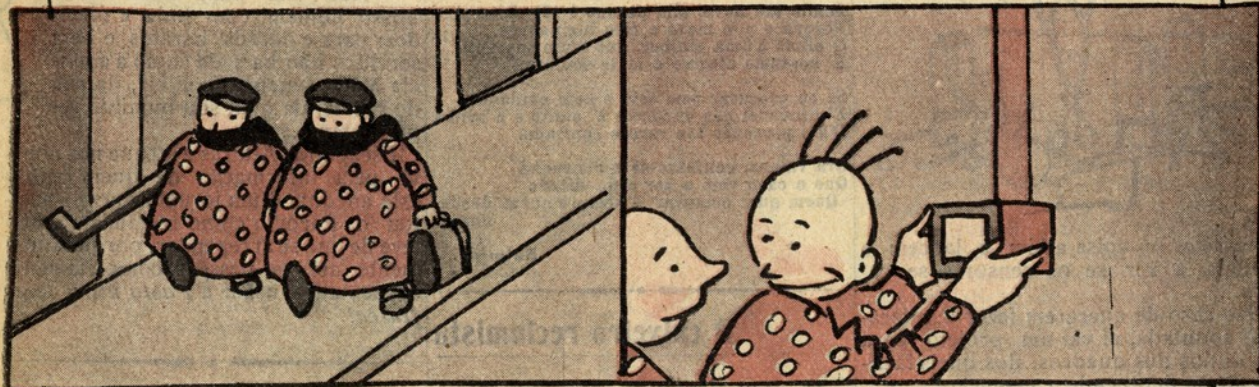
(CONTINUAÇÃO)



? 1.—Manequinhas decifra a carta em que o *Homem dos olhos tortos* o convida a levar o Manecas a uma cilada, com ameaças de morte. ?



? 2.—Manecas estuda no seu laboratório uma droga. 3.—Mostra-a ao Manequinhas e faz-lhe ver os efeitos terríveis. ?



? 4.—Vão os dois para a entrevista combinada com varios apetrechos. 5.—Manecas vê pelo periscopio o que se passa dentro do quarto. ?



6.—Deita o tubo da droga e logo se faz grande fumaceira. 7.—Entram os dois no quarto e depara-se-lhes um homem mascarado e quasi asfixiado.

(CONTINUA).